

Submerso

*Jefferson Adriã Reis**

Licenciado em Letras/Português pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT/Campus Rondonópolis. Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Rondonópolis – UFR. Membro do Laboratório Esquizoanalista de Produção de Subjetividades e(m) Interseccionalidades – LEPSI.

 <http://orcid.org/0000-0002-9564-7442>

Recebido: 02 abr. 2020. **Aprovado:** 14 ago. 2020.

Como citar este conto:

REIS, Jefferson Adriã. Submerso. *Revista Letras Raras*. v. 9, n. 3, p. 273-285, ago. 2020.

Deixei o livro sobre a cadeira de fio quando o primeiro trovão desviou minha atenção e fiquei de pé, na varanda, sentindo o vento. O céu havia escurecido e exibia gordas nuvens cinzentas e temperamentais. Eu havia mergulhado tão profundamente na leitura que não tinha percebido o vento morno se tornar cada vez mais frio. Ele soprava a pequena árvore ornamental na calçada em frente à grade da casa e levava folhas pelo asfalto.

Me levantei para acolher a tempestade. Como eu amava a chuva com suas gotas geladas! O rugido chegava a mim como melodia. Não me importava de ter meus cabelos muito escuros levados de um lado a outro sobre meu rosto. Não me importava de cerrar os olhos para protegê-los do vento. Imaginava que a chuva, quando intensa, escondia portais de água que poderiam me levar para mundos espelhados.

– Érico, o que você tá fazendo? – perguntou a garotinha, espiando da porta da casa.

Eu, com os braços abertos, prestes a dançar, sorri para ela.

– Estou aguardando a tormenta.

– A o quê?

– A chuva.

Ela atravessou a varanda e parou ao meu lado.

– E se chover antes do Dani chegar?

*  jeffersonandriareis@gmail.com

– Então você fica aqui, comigo e com minha mãe.

Ela me devolveu uma cara feia.

– Mas e o maninho?

Pensei em Daniel caminhando ensopado por nossa rua latino-americanamente colorida agora embaçada de transparência.

– Seu irmão já é bem grandinho.

Ao ouvir minha resposta, Flávia resmungou e voltou para dentro da casa. Alguns minutos depois, o temporal veio ao meu encontro. Observei a passarela de pedra mudar de cor ao ser lavada e inspirei com força o cheiro de terra molhada. O céu me entendia naquele momento. As nuvens não puderam mais esperar para expressar toda a frieza e umidade. Acompanhei as poças se formarem nas deformidades do chão, por todos os lados. Os pingos caindo e espirrando. A enxurrada desfilando no meio fio, lavando o caminho. A água era o único caminho.

A chuva encharcando meus segundos, inundando meus minutos. Levando minha vida embora. Me salvando dali.

Então aconteceu. E não pude me desviar. Não pude virar o rosto e abaixar os olhos como nos corredores da escola. Muito menos ele pôde me ignorar. Parado na calçada, os cabelos molhados, os lábios roxos de frio. Vestia apenas a roupa de tecido fino que usava para jogar basquete e trazia a bola debaixo do braço. No primeiro momento fiquei sem reação, mas me lembrei de que o portão só se abria por dentro e fui ao encontro dele, na chuva. Enquanto eu caminhava na passarela, Daniel olhava para todos os lados, menos para mim.

– Obrigado – me disse, quando indiquei que entrasse.

Caminhou rápido para a varanda e eu o segui, mais devagar, ainda sem acreditar que a vida me aprontava uma daquelas, depois de três anos.

Daniel tentava se secar de um modo ridículo e não consegui conter um sorriso de deboche. Ele parecia estar mais nervoso do que ficava quando a gente se esbarrava na escola. Estava ensopado e trêmulo, por isso comecei a me sentir superior depois de vencer o efeito do espanto. Dessa vez, ele se encontrava em meus domínios. E sozinho, sem os amigos idiotas. E eu havia achado que não o veria nunca mais, já que o Ensino Médio tinha terminado há quase um mês.

Na varanda, Daniel colocou a bola no chão e arriscou uma rápida olhada para mim.

– Vim pegar a minha irmã – falou.

– Eu sei.

Água escorrendo, pingando, vento, raios e trovões.

– Saí direto do treino. A chuva me alcançou ali na pracinha. Que toró!

Ele se mostrava visivelmente constrangido. Balancei a cabeça em confirmação, reparando como seu queixo agora estava quadrado, sua pele mais bronzeada e que ele havia crescido um pouco mais do que eu. Na escola eu nunca tinha muito tempo para reparar nessas coisas. Em minha varanda, eu podia verificar como a roupa molhada grudava em seu corpo e que ainda havia uma pequena cicatriz acima de sua mão esquerda.

– Vou chamar minha mãe, mas é lógico que ela não vai deixar você sair com a Flavinha nessa chuva.

Dei as costas a ele, tendo consciência de que me acompanhava com os olhos, provavelmente com raiva por ter me encontrado em casa depois de tantas tardes em que veio pegar a irmã e não me avistou. “Eu estava em meu quarto e o vi pela janela algumas vezes”, respondi em pensamento. Fui até a cozinha, onde minha mãe e Flavinha, que fazia suas mil e uma perguntas, comiam bolinhos de chuva, sobras do café da manhã.

– O menino tá aí – avisei.

Flávia correu, gritando por Daniel, e minha mãe me lançou um olhar feio enquanto limpava as mãos com um pano de prato.

– E você deixou ele lá fora?

– Ele tá todo molhado.

– E você também. Com essa idade brincando na chuva?

– Eu só fui abrir o portão pra ele.

Minha mãe se encaminhou para o corredor e a ouvi falando alto:

– Entra, sai desse vento.

Deixei escapar um “Aff” e fui para meu quarto.

A chuva caía agora com mais força e os trovões ribombavam. Não liguei as luzes. Gostava da atmosfera fantasmagórica e fria que o vidro filtrava para o interior, era como se eu estivesse no fundo de um lago, envolvido pelas plantas submersas. Fiquei um tempo encostado à janela enquanto dois meninos gargalhavam agarrados à minha memória. Eles pedalavam numa estrada cercada por árvores, corriam atrás um do outro, descansavam deitados na grama. Numa dessas brincadeiras, um deles caiu feio com a bicicleta numa curva.

– Vixe, você se machucou?

– Só arranhei minha mão, mas não fala pra sua mãe senão ela vai mandar a gente guardar as bicicletas.

– Deixa eu ver. Para, Daniel, deixar eu ver isso!

– O que você tá fazendo?

– Só tô limpando o sangue.

– Com a sua camiseta? Você não tem nojo?

– De você, não.

Alguém batia à porta.

– Oi! – gritei impaciente.

Surgiu então uma brecha e o rosto de minha mãe vazou por ela.

– Preciso de uma roupa sua pra emprestar pro Daniel.

Gargalhei. E me assustei com minha própria gargalhada. Minha mãe olhou para mim sem entender e esperou em silêncio.

– Sério? – perguntei, mais baixo.

– Anda logo, Érico. Pega uma camiseta qualquer e um short.

– O quê?!

Minha mãe perdeu a paciência, acendeu a lâmpada e entrou no meu quarto, mas dava para perceber que também estava meio sem jeito de me pedir aquilo. Ou melhor, de me tomar à força. Ela escancarou meu guarda-roupa e levou o que queria. Só então me lembrei de que estava molhado. Tirei a camiseta e a joguei num canto e iria tirar o calção quando bateram novamente à porta. Eu a abri com força.

– Que foi, mãe?

Daniel me encarava com uma toalha numa mão e meu livro na outra.

– Você esqueceu isto lá fora.

– Ah, obrigado!

Agarrei o livro e encarei o rapaz. Ele não disse mais nada, no entanto ficou parado à minha frente, tentando me enxergar melhor, porque eu me encontrava parcialmente oculto pela escuridão do quarto e pela porta entreaberta. Minha vontade era fechar na cara dele, mas não consegui.

– Vou tomar um banho – ele voltou a dizer.

– É, eu percebi.

Era inacreditável. Daniel Sampaio invadindo minha casa, prostrado diante do meu quarto me informando que iria tomar um banho. No meu banheiro.

– Sua mãe insistiu pra eu esperar a chuva passar.

– Tá certo. Uhm... Vai lá, toma o banho.

E então consegui fechar a porta. Fechei os olhos e fiquei encostado contra a parede.

– *E como foi lá na festa da Karina?*

– *Legal. Você tinha que ter ido.*

– *Eu não, ela nem fala comigo.*

– *Eu beijei a Denise.*

– *Sério? E por quê?*

– *Uai, Érico, porque sim.*

– *Mas você não é muito novo?*

– *Tenho treze anos, todo menino já beijou com treze. Você é BV?*

– *Claro que não!*

– *É sim. Quem foi que você beijou, então?*

– *Não vou falar.*

Me joguei na cama e fiquei mirando o teto enquanto os meninos se provocavam em minha cabeça. Imaginei como as coisas seriam se eu nunca tivesse feito aquilo. Se eu tivesse tido bom-senso, a gente ainda seria amigo? E a chuva despencando. O vento bem mais forte agora.

Minutos depois minha mãe gritou para que eu fosse tomar banho. Cheiro de feijão cozinhando, risadas na cozinha.

Daniel havia acabado de sair do banheiro. Ainda havia vapor, o box ainda estava embaçado. Suas roupas, penduradas ao lado do espelho, deviam ter sido torcidas.

Me despi. Antes de soltar a ducha, desliguei o chuveiro elétrico. Queria toda a frieza possível, desejava me tornar uma daquelas gotas geladas caindo libertas e ignoradas. Imaginei Daniel sob a água morna, a espuma escorrendo. Ele, com a cabeça erguida e os olhos fechados. Imaginei como seu corpo estaria agora. E então lá estava eu sob a água fria, com a cabeça erguida e os olhos abertos, a espuma escorrendo.

Imaginei a água subindo. De repente o box do banheiro era uma daquelas caixas de vidro de onde o mágico, acorrentado, deve escapar antes de se afogar.

A energia elétrica foi interrompida quando eu ainda estava me ensaboando. Escutei Flávia choramingar e minha mãe dizer a ela para se acalmar. Depois as portas do armário batendo. Minha mãe devia estar procurando por velas. Deixei o banheiro e saí pingando pelo corredor, enrolado na toalha, e estava novamente em meu quarto.

Tateando no escuro, localizei meu celular na mesa de cabeceira. Usei a luz da tela para encontrar roupas e me vestir, depois saí para a casa escura e me dirigi descalço para a cozinha, onde minha mãe ainda abria e fechava gavetas. Encontrei o maço de velas no armário abaixo da pia e o coloquei em suas mãos. O filho da chuva oferecia a possibilidade do fogo a sua mãe.

– Ah, tava aí. É verdade – ela disse envergonhada.

Sorri.

Minha mãe acendeu a chama e a cozinha se iluminou. Daniel estava sentado à mesa e olhava para mim, sua pele avermelhada por conta da luz, seus olhos brilhando. Meu sorriso murchou, ele não deveria estar ali. Eu me sentia uma coisa abissal e cega e não queria ser observado. Flávia estava sentada em outra cadeira, com um bolinho nas mãos.

– Escureceu tão rápido, parece que é meia-noite – minha mãe comentou.

A tempestade havia trazido com ela a escuridão e o frio. Um vento gelado me acariciou de baixo para cima. De repente senti uma fome terrível. Puxei uma cadeira e me servi de café. Tomei uma golada e agarrei um bolinho. Mas não era exatamente fome de alimentos que eu sentia. Sentia fome do outro que existe fora de mim, feito o peixe grande que devora o pequeno.

– Dizem que quem come no escuro divide a comida com o diabo – comentei.

– Credo, menino, vira essa boca pra lá! – minha mãe ralhou.

Daniel sorriu e eu quis dizer a ele que não fizesse isso.

– O diabo tá aqui?! – perguntou Flávia, assustada.

– Tá.

Minha mãe me deu um tapa.

– Você tá assustando a menina!

Flávia se virou para Daniel.

– Maninho!

– É mentira dele.

Ele agora me encarava com um sorriso diferente, petulante. Olhar para ele era como ouvir o canto de uma sereia.

Minha mãe andava de um lado para outro com um celular nas mãos. Então se voltou para Daniel.

– Tô tentando falar com a sua mãe, mas não tô conseguindo. Acho melhor vocês dormirem aqui hoje. A chuva tá muito forte. E agora essa falta de energia. É muito perigoso sair, mesmo se a chuva tiver parado.

– Não precisa, Dona Amélia. Quando a chuva parar a gente vai.

– Nem pensar. Seus pais só chegam amanhã. É melhor vocês dormirem aqui. Vou preparar a janta daqui a pouco. O que você ia cozinhar?

– Miojo.

Eu estava começando a me divertir com a situação. Daniel tentando escapar de minha casa sem muito sucesso. Ele não tinha talento para cozinhar. Não, não mesmo.

Minha mãe fez sinal de que o celular estava chamando.

– Alô, oi. Sim, tá tudo bem. Sim, um pé d'água. Eles tão aqui. Uhum. Acho melhor eles fiquem aqui esta noite, tá chovendo muito e a gente tá sem energia. Sim, acho que foi no bairro inteiro, talvez em toda essa parte da cidade. É sempre assim. Não, não tem problema, eles não dão trabalho. Imagina! Então tá, aproveita a festa. Tchau! Beijo.

Ela colocou o celular sobre a mesa e acendeu outra vela.

– Decidido, vocês vão ficar aqui.

– Mas eu vou dormir onde? – questionou Flávia.

– Na minha cama comigo. E não coma muito bolinho porque já vou fazer a janta.

– Eu posso ajudar? – pediu a menina. – Mas como a senhora vai cozinhar no escuro? E o diabo?

Minha mãe riu.

– Não tem diabo, era só uma brincadeira – falei para a criança.

Então peguei outro bolinho e fui para meu quarto. Abri a janela para sentir o vento, depois procurei os fones de ouvido com dificuldade em minha mochila e me joguei na cama com o celular. Seleccionei a música *Creep*, de *Radiohead*.

"I wish I was special

You're so fucking special

But I'm a creep

I'm a weirdo

What the hell am I doing here?

I don't belong here"

Ninguém poderia me salvar naquele momento. Meu mundo estava inundado e o que me mantinha na superfície era a certeza de que em breve eu iria para longe. Não deveria me importar. Não deveria reviver, eu disse para mim, insistindo para que a mensagem chegasse certa no lugar em que os sentimentos são inventados.

A música me invadiu. Fechei os olhos e me abandonei à deriva, tentando me convencer de que eu era a única consciência existente e que tudo mais não passava de um sonho, mas uma sensação de movimento e iluminação me fez levantar a cabeça assustado.

Daniel estava parado junto à porta com uma vela num pires. Tirei os fones.

– Sua mãe me mandou trazer.

– Não preciso disso.

– Onde coloco?

Saltei da cama, irritado. A vela ficou na mesa de cabeceira, a chama dançando com o vento que entrava pela janela.

– Sua mãe falou para tomar cuidado com a vela.

– Óbvio.

– Nossa! Seu quarto tá tão diferente.

– Tá escuro. Tipo, nem dá pra ver nada.

– Não, é sério. Tá bem legal.

– Obrigado.

– Não acredito! Você ainda tem isso?

Daniel havia encontrado meus *Powers Rangers* de plástico em cima da estante, em frente aos livros, e estava tocando neles.

– E por que eu iria me desfazer deles, só por que não sou mais criança?

– Ah, sei lá. Eu perdi os meus. Você era o azul e eu era...

– O preto.

Ele concordou com a cabeça, enquanto mexia nas minhas coisas. Então se virou para mim e ficamos de frente um para o outro. Eu estava vivendo uma situação ridícula em um cenário que não poderia ter imaginado: meu quarto, à luz de velas, com Daniel usando minhas roupas.

– Nem sei quando foi a última vez que estive aqui – ele comentou.

Olhei para ele, incrédulo.

– Faz uns quatro anos, tínhamos treze, eu acho.

Ele suspirou.

– As coisas mudaram um pouco, né?

Pensei se queria mesmo responder.

– Tudo muda – falei, me recordando imediatamente da música *Como uma onda*, do Lulu Santos. E fiquei imaginando se ele também tinha feito aquela conexão. E desejei que não, porque isso soaria um pouco idiota, um pouco forçado e caricato.

Ele agora fingia interesse por meus livros.

– O que tem feito agora que o Ensino Médio acabou?

– Nada. Só fico aqui lendo e vendo uns filmes.

Acho que ele esperava que eu retribuísse a pergunta, porque levou um tempo para continuar.

– Fiquei treinando basquete. Estou no time da cidade. Vamos participar daquele campeonato estadual.

– Legal.

Ele passou por mim e senti cheiro de sabonete. Assim como os meus, seus cabelos estavam úmidos. Aquilo me desconcertou. De uma hora para outra ele havia se tornado acessível, quase palpável... E estava tão perto. Devagar, ele se aproximou da janela e olhou para a noite. A pele do céu era escura e às vezes se cobria com tatuagens incandescentes.

Fiquei parado onde estava, apenas olhando. Ele tornou a se virar para mim e me encarou. Já não parecia tão nervoso ou constrangido. Eu, que até então vinha fazendo de tudo para que ele se sentisse desconfortável e indesejado, me flagrei torcendo para que estivesse gostando de permanecer no meu mundo úmido. Mas ele precisava ir embora, não tinha o direito de ressurgir. Daniel precisava desaparecer. De repente me senti como uma represa que se rompe.

– O que você tá fazendo aqui? – perguntei.

– Elas tão cozinhando, cara.

Balancei a cabeça, indignado.

– Não! Quero dizer o que você tá fazendo aqui, na minha vida, de novo?

Em vez de responder, ele se sentou aos pés da cama e ficou mirando o chão.

- Daniel... – chamei sua atenção.
- Eu só queria conversar, sei lá.
- Conversar?
- Sim.
- Você me ignorou por quatro anos.

Se ele estava ali, propondo uma conversa, então que me falasse o que eu queria saber. Ele agora me encarava e eu já não sabia quem ele era. O garoto da escola? O menino da minha infância? Uma pessoa completamente nova?

- Não foi assim. E você também me ignorou – ele falou.
- Do que você tá falando?
- Tô falando que você também se afastou de mim.
- Não me afastei, não.

As cenas se repetiram na minha cabeça todas ao mesmo tempo. De quem era a verdade, de fato? Havia uma verdade? Havia o que eu tinha sentido. Havia o que eu ainda sentia. Quais eram os sentimentos de Daniel? Qual era a sua verdade?

– Você se afastou, sim – ele insistiu, de uma forma enérgica mas debochada, quase carinhosa.

- Depois do que aconteceu, o que você esperava? – falei.

Ele não respondeu.

Eu não iria ceder. Passei as mãos pelo cabelo e perguntei:

- Por que você não sai enquanto é tempo?

Daniel sorriu.

- Tempo de quê?

– De evitar mais constrangimento.

– Eu não tô constrangido. Eu não queria mesmo vir aqui, você tá certo, mas... Olha, Érico, você se afastou de mim também, ok? E só estou querendo conversar.

Fiquei parado no escuro, apertando uma mão na outra. Daniel me oferecia sua face cheia de sombras. Por fim, cedi ao impulso e me sentei na cama, próximo à cabeceira.

Ele continuou:

- Eu não falava com você na escola porque pensava que você me achava um babaca.
- E achava mesmo.

Ele começou a morder as unhas. Fazia isso quando estava nervoso. Odiava lembrar seus antigos hábitos, mas um dia havia me esquecido deles? O modo como procurava aparentar calma e controle sorrindo e se mostrando fraternal, mas como se traía ao morder os lábios e estalar os dedos. A forma como sorria e olhava sem desviar o olhar, feito um desafio.

– E eu não falava com você porque achava que você me via como um perdedor – soltei.

– Nunca te achei um perdedor! – ele protestou. – Você era meu amigo. Você não se lembra das brincadeiras, das promessas, da bagunça no clube? Nossos pais continuaram amigos, mas a gente não.

– É claro que eu me lembro de tudo!

Minha resposta me envergonhou. Imaginei se ele não havia percebido em minha voz a vontade desesperada de mostrar o quanto aquela amizade significava para mim, mas ele não demorou para vir ao meu auxílio.

– Eu também fui um idiota. Deveria ter sido mais insistente, menos orgulhoso.

Olhei dentro dos seus olhos castanhos e vi o lampejo de um raio. A gente poderia ter se interpretado mal, é verdade, mas aquilo não significava que nossa amizade voltaria. Não significava, tampouco, que ele olharia para mim como eu olhava para ele.

– Então, como vão as namoradinhas? – perguntei, sentido as palavras nojentas na boca.

– Você quer mesmo saber disso?

– Quero.

– Esse tipo de pergunta não combina com você.

– E o que você sabe sobre mim?

Daniel se retorceu na cama para chegar mais perto.

– Sei algumas coisas, tipo que você usou a mesma mochila surrada no Ensino Médio inteiro. E que você é bom em Português. Que ficou meio bêbado com quentão na festa junina da igreja no ano passado. Eu sei disso porque estava olhando você de longe, todo alegrinho.

Ele sorriu e continuou.

– Sei que você não foi na festa de aniversário do Alan, eu tava lá e você não apareceu, e eu sei que você foi convidado, eu vi que você foi marcado no convite que ele postou na internet. Sei que você usou terno no casamento da sua tia Maria, eu vi umas fotos. Sei que você não é necessariamente tímido, mas muito reservado, que você não gosta de Pokémon porque é contra colocar animais pra brigar.

Ele pensou um pouco e prosseguiu, se aproximando de mim:

– Sei que gosta de uma banda chamada *Silverchair*, que convidou a Lorraine para a pré-estreia de algum filme de nerd que me esqueci agora qual era e ela achou que você estava interessado nela. E sei que quando você era criança sonhou que estava perdido numa cidade grande e vazia no meio de uma pancada de chuva.

Eu podia ouvir a água cair pesada lá fora e também uma batida acelerada quase regular que deveria ser o som do coração do vento, esse deus libertino que copula com as árvores e lambe nossas orelhas.

– Eu me afogava... no sonho – eu disse, mas minha voz soou fraca.

Daniel me olhava e seus olhos estavam maiores do que eu jamais havia visto, cabia um oceano dentro de cada um deles.

Continuei:

– Segui por uma rua, entre os prédios, e de repente a cidade havia desaparecido e eu estava no mar, em alto mar. Ainda chovia, mas submergi e tudo ficou silencioso. Até que...

– Você ouviu o som de baleias.

– E nunca tinha ouvido isso antes, como poderia sonhar com o som das baleias se nunca tinha ouvido isso antes? Só você sabe disso. Ou melhor, contei para meus pais, mas eles não devem se lembrar.

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Eu tinha consciência da janela escancarada que revelava os raios no céu infinito que sufoca, mas naquele momento meu quarto era um aquário e a escuridão, a água densa que me abraçava. Mas eu não estava sozinho, Daniel estava comigo, no fundo do fundo de mim.

– Como você sabe de todas essas coisas?

Ele apenas continuou me olhando.

– Você não sente repulsa por mim? – perguntei, num ato de corajosa fúria.

As lágrimas deveriam estar escorrendo há algum tempo, mas só agora eu as percebia. A expressão de Daniel revelava que ele não havia entendido a pergunta.

– Por que eu ia sentir repulsa?

Limpei meu rosto com as costas da mão odiando minha fraqueza.

– Por eu ter traído nossa amizade. Por eu ter te beijado e...

Ele se aproximou e pegou minha mão.

– Você é um idiota – respondeu sorrindo. – De onde você tirou essa ideia?

– Você me perdoa por eu ter te beijado? Você saiu correndo. E depois ficou estranho comigo... Por anos.

Estávamos muito próximos agora. Meus dedos deslizavam por cima da cicatriz em sua mão. O machucado havia sido profundo.

– Eu só fiquei confuso – ele respondeu.

– Como assim?

– É que eu já havia beijado algumas meninas e nunca tinha gostado tanto de um beijo quanto gostei do seu. Eu só tentei não ser gay, entende? Passei todo o Ensino Médio mentindo pra mim mesmo. Senti muito a sua falta, vendo você se tornar tão bonito longe de mim. Imaginando o dia em que eu poderia retribuir.

Senti seus braços me envolverem, me protegendo do vento frio. Minhas mãos se agarraram firmes à sua coxa e ao seu ombro. Seus lábios eram água doce, como eu me lembrava, e me tiravam o fôlego para depois me dar um novo. Lentamente seu corpo me empurrou para trás e ele se deitou sobre mim. Agora eu estava livre para beijar seu pescoço e sentir com força o cheiro dos seus cabelos.

Uma rajada mais forte de vento apagou a chama. As cortinas começaram a tremular como velas de um barco que, impetuoso, navega e desbrava.

Respingos de chuva perdidos vinham e vinham.

– Eu sei que você vai embora – ele sussurrou no escuro. – Sua mãe me contou.

– Vou estudar direito, em Cuiabá.

– É por isso que estou aqui, que estou fazendo isso. É minha última chance.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, apenas sentindo nossos corpos se esquentarem. Desejei me levantar e fechar a janela, mas antes que pudesse, ele me perguntou.

– Você ainda tem uma bicicleta?

– Tenho.

– Então amanhã vamos passear.

– Como nos velhos tempos?

– Como nos velhos tempos.